

Entre silêncios e memórias: tornar-se pesquisadora e a reconquista da identidade

Ingrid Caroline Simielli de Araujo Alves¹

Resumo

Usando minha experiência vivida na área de negócios descrevo a trajetória que percorri em busca do desenvolvimento da minha identidade acadêmica, enquanto mulher e negra. Para atingir o objetivo de explorar a formação de identidade adotei o método autoetnográfico, descrevendo minhas vivências e construindo representações imagéticas através de diversos tipos textuais, entre eles a poesia autoetnográfica. A intenção é analisar como o contexto social ajudou a moldar meus interesses de pesquisa e o início da minha carreira. Para tanto, são usados conceitos de perspectivas sociológicas, bem como modelos de identidade racial. A compreensão dos impactos sociais para o processo acadêmico pode proporcionar uma maneira construtiva de descrever fenômenos complexos, como a formação de identidade na presença de estruturas limitantes que obrigam os indivíduos a se adequarem a um padrão, silenciando suas características pessoais. Um processo nem sempre gratuito, pois esse silêncio constrói memórias que são compartilhadas pela coletividade dos grupos raciais.

Palavras-chave: Identidade. Diversidade. Autoetnografia. Raça. Gênero.

Between silences and memories: becoming a researcher and the reconquer of identity

Abstract

Using my experience in the business area, I describe the trajectory I followed in search of the development of my academic identity as a black woman. To achieve the objective of exploring the formation of identity, I adopted the autoethnographic method, describing my experiences and building imagery representations through various textual types, including autoethnographic poetry. The intention is to analyze how the social context helped to shape my research interests and the beginning of my career. For this purpose, concepts from sociological perspectives used, as well as models of racial identity. Understanding social impacts on the academic process can provide a constructive way of describing complex phenomena, such as identity formation in the presence of limiting structures that force individuals to conform to a pattern, silencing their personal characteristics. A process not always free, as this silence builds memories that are shared by the collectivity of racial groups.

Keywords: Identity. Diversity. Autoethnography. Breed. Gender.

Introdução

Os estudos sobre formação de identidade acadêmica costumam investigar o senso de pertencimento na academia (BENNETT ET AL. 2016; CUNLIFFE 2018); a resistência a pressões institucionais (MALSCH & TESSIER, 2015; MERTKAN & BAYRAKLI, 2018); e o desenvolvimento de novas formas de ser acadêmico que respeitem trajetórias e características individuais (KUMAR, 2020; ORTEGA, 2020). Isso porque, a identidade acadêmica contemporânea é problemática e envolve necessariamente um senso de duplicidade: o próprio eu e a identidade inserida no contexto acadêmico (LEARMONTH & HUMPHREYS, 2012).

¹ Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Controladoria e Contabilidade da Faculdade de Economia e Administração de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Direito de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo

As mulheres negras que vivenciam o espaço acadêmico precisam lidar com silêncio racial nas pesquisas e instituições acadêmicas (NKOMO, 2019; DAR ET AL., 2020); interseccionalidade de raça, classe e gênero enquanto categorias de identidade que levam a diferenças nas condições materiais (HASBERRY, 2019); redução de experiências raciais a estereótipos (CRUZ et al., 2020); recorrência de microagressões e conformação do corpo negro ao mínimo de espaço acadêmico (CRUZ, 2018).

A partir da reflexão sobre esses temas emerge como uma lacuna a ser abordada, o número escasso de relatos sobre a experiência de mulheres negras na academia, principalmente em um contexto de negócios, descrito como predominantemente branco e masculino (NKOMO, 2019; LEARMONTH & HUMPHREYS, 2012; SADLER & WESSELS, 2019; DAR et al., 2020). A lacuna se revela inclusive em relação aos impactos emocionais provocados pelas reações negativas às características femininas negras (CRUZ, 2018; CRUZ et al., 2020; RODRIGUEZ, 2006). Como mulher negra, me senti pessoalmente compelida a compreender melhor essa questão.

As informações trazidas neste texto fazem parte da minha dissertação de mestrado, a qual questiono como o contexto social influenciou meu desenvolvimento individual e meus interesses acadêmicos, tendo por objetivo explorar o desenvolvimento da minha identidade acadêmica, enquanto mulher e negra inserida em um ambiente de negócios. Para tanto, utilizo perspectivas sociológicas e modelos de identidade, em uma escrita autoetnográfica. Com isso, contribuo para o aumento da diversidade em pesquisas e amenizo o silenciamento racial da área de negócios, dando voz a um grupo que se constatou ser simbolicamente subjugado.

Identities forjadas no silêncio

Os corpos racializados são vulneráveis e contestados dentro da academia branca. São vistos como invasores e provocam conflitos com essa estrutura de um jeito que pode afetar a saúde mental do indivíduo não-branco (DAR et al., 2020). Segundo esses autores, esses corpos são potencialmente valiosos para que as instituições brancas façam reivindicações sobre seus valores progressivos e inclusivos, embora os estudos racializados não sejam valorizados. Historicamente os

indivíduos não-brancos são representados nas ciências por meio de paradigmas tradicionais que ignoram ou deturpam a existência desse grupo a caracterizações estereotipadas (RODRIGUEZ, 2006). Os trabalhos acadêmicos que retratam as experiências negras de maneira positiva são escassos, obrigando os alunos negros a construir suas identidades raciais acadêmicas a partir de estereótipos brutos e imperfeitos (RITCHEY, 2014).

Nkomo (2019) alerta que a produção de conhecimento deve ser entendida dentro de uma ideologia racial embutida em uma visão eurocêntrica de mundo, pois a raça é uma das principais bases de dominação em nossa sociedade e um importante meio pelo qual a divisão do trabalho ocorre nas empresas. A raça está sempre presente nas organizações, silenciada ou suprimida (NKOMO, 2019). O sistema capitalista se apoia em uma lógica racista para distribuir riqueza ao longo de uma escala racializada (DAR et al., 2020). De acordo com esses autores, o capitalismo é racista e as instituições educacionais foram equipadas para reproduzirem essa ideologia, a fim de manter o poder desse sistema.

A análise do capitalismo racista esbarra em um discurso pós-racial presente tanto na prática de negócios quanto na educação que ignora a importância da raça (DAR et al., 2020). O silenciamento racial é principalmente um subterfúgio, por conta do importante papel da raça em todos os aspectos sociais (NKOMO, 2019). A leitura de grande parte da teoria organizacional poderia levar a pensar que as organizações são neutras quanto à raça, mas Dar et al. (2020) chamam atenção para a cumplicidade da Escola de Negócios em perpetuar a ignorância racial, não a neutralidade. Para Nkomo (2019), quando os acadêmicos organizacionais continuam a tradição de ignorar raça e etnia nas pesquisas eles estão excluindo outras vozes.

Hooks (2015) criticou esse descuido em uma sala de aula, foi recebida com raiva e hostilidade tão intensas que teve dificuldade em continuar frequentando as aulas. Munanga (2019) ilustra que no campo periférico das relações individuais, quando a competição é acirrada entre negros e brancos, é comum o negro ser ridicularizado ou reduzido a expressões como “aquele neguinho metido”. A ideologia dominante produziu essa mística racista, irracional e confusa, em que se propagava que negros eram

inferiores quando comparados aos parâmetros brancos (DAVIS, 1981/2016). Contudo, se os negros “fossem realmente inferiores em termos biológicos, jamais teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento, portanto, não teria sido necessário proibi-los de aprender” (DAVIS, 1981/2016, p. 118).

Na ocasião vivida por Hooks (2015), ela expôs às colegas que o propósito da raiva coletiva era silenciá-la, criando uma atmosfera em que seria psicologicamente insuportável se posicionar nas discussões ou mesmo assistir às aulas; recebeu respostas dissimuladas do tipo “ninguém aqui tem raiva, a única que está com raiva é você”. Os não-brancos que se posicionam sobre racismo na universidade são identificados como “causadores de problemas” (RODRIGUEZ, 2006; DAR et al., 2020). Com o status marginal atribuído, os alunos negros desenvolveram habilidades de navegação resistente e crítica para se manter no ensino superior, alteram a fala, modificam a aparência, ajustam a forma como agem no trabalho, mudam inclusive a maneira como pensam nas coisas ou a expectativa que têm de si mesmos (HASBERRY, 2019).

Nesse espaço os alunos questionam sua identidade e exploram a questão: *Quem sou eu?* Uma transformação que parece ser diferente para cada um deles, dependendo da sua identidade racial (RITCHEY, 2014). Ao identificar-se como negro, surge a consciência do contexto de opressão social repleto de racismo e discriminação. Desse modo, o desenvolvimento da identidade racial se torna uma luta por congruência entre representações depreciativas e vivências positivas (HASBERRY, 2019). Alunos negros que frequentam universidades majoritariamente brancas podem enfrentar racismo, isolamento, desafios socioculturais e obstáculos acadêmicos, mas geralmente também são essas experiências no ensino superior que conscientizam sobre as implicações do que significa ser negro (RITCHEY, 2014).

Identidade e Memória

O termo *outsider within* é usado por Collins (1986/2016) para se referir a posição ocupada pelas mulheres negras no espaço acadêmico. Essa definição permite evidenciar que, apesar de não compartilharem o mesmo histórico familiar, gênero e etnia do grupo dominante, o longo processo de socialização acadêmica

também foi vivenciado pelas mulheres negras. Com isso, elas adquiriram o mesmo conhecimento teórico do grupo dominante e passaram a discordar dele, uma vez que os desafios enfrentados pelas mulheres negras costumam ser mais intensos que os normalmente enfrentados por outros acadêmicos (COLLINS, 1986/2016).

Ainda que as acadêmicas negras possam pensar como uma *insider*, constantemente elas são lembradas da sua invisibilidade perante a produção de conhecimento, enfrentando a desvalorização das suas contribuições ou mesmo a desconfiança da sua postura como praticante de uma disciplina (COLLINS, 1986/2016). Conforme essa autora, frequentemente as acadêmicas negras se deparam com uma diferença entre o que foi vivenciado pelo seu grupo racial e as descrições teóricas para os mesmos fenômenos. Como se a subjetividade do homem branco *insider* fosse priorizada e a condição de acadêmica negra fosse relegada à margem, em uma posição de *outsider*, mesmo que permaneça dentro da academia, portanto, *within* (COLLINS, 1986/2016).

A perspectiva externa ajuda as mulheres negras a enxergar os mecanismos de opressão presentes na academia, o que faz com que elas desenvolvam um ponto de vista diferente, geralmente oposto ao de acadêmicos *insiders*, pois cabe a elas desafiar os sistemas interligados de opressão (COLLINS, 1986/2016). Trata-se de uma identidade forjada na diferença e conflitante com a memória histórica e subjetiva. Dessa forma, identidade e memória são fenômenos que não devem ser compreendidos como essências de um indivíduo, em vez disso, são valores disputados em conflitos que opõem grupos sociais e políticos (POLLAK, 1992).

A memória pode ser entendida como um fenômeno social, construído coletivamente. Isso significa, conforme Pollak (1992), que a memória se constitui tanto pelos acontecimentos vividos pessoalmente, quanto pelos acontecimentos vividos pelo grupo ao qual a pessoa pertence. Por meio da socialização política e histórica, ocorrem projeções responsáveis por formar uma identificação com determinado passado do grupo, como se a memória pudesse ser herdada a partir da descrição de pessoas, acontecimentos e lugares que não necessariamente pertencem ao espaço-tempo da pessoa que se identifica com essa descrição (POLLAK, 1992).

A memória é construída de maneira tanto consciente como inconsciente, portanto, selecionar e decidir quais datas e acontecimentos serão registrados é um objeto de disputa importante, em função das preocupações

a memória guarda uma ligação fenomenológica muito estreita com o sentimento de identidade. Embora a identidade de um indivíduo seja composta pelo corpo, que é a sua unidade física, pela continuidade no tempo e pelo sentimento de coerência, nenhuma identidade é construída sem a presença do Outro.

As identidades são construídas sempre em referência aos critérios de aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade que se estabelecem na negociação com os outros (POLLAK, 1992). A identidade e a diferença em comparação com o outro são relações sociais sujeitas a força e às relações de poder, não são apenas definidas, mas impostas (SILVA, 2009). Elas refletem uma disputa entre os grupos assimetricamente posicionados nas hierarquias de poder e, por isso, refletem também as disputas por recursos simbólicos e materiais, traduzindo o desejo de diferentes grupos sociais (SILVA, 2009). Não são conceitos inocentes, pois onde há diferenciação, também há poder, fronteiras, inclusões e exclusões (SILVA, 2009).

Identidade e diferença são aquilo que é e aquilo que não é, a identidade é simplesmente o que se é: “sou mulher”, “sou negra”, como se fosse um aspecto positivo e autônomo; já a diferença representa uma oposição à identidade, aquilo que o outro é: “ele é branco”, “ele é homem”, ambas ganham sentido quando estão juntas (SILVA, 2009). A identidade costuma ser o ponto central, a referência em relação à qual se define o diferente, por isso elas têm que ser ativamente produzidas no mundo cultural e social, a sociedade é quem fabrica a identidade e a diferença, bem como o julgamento de uma em relação a outra (SILVA, 2009).

Os símbolos e a construção de identidade

Uma identidade ganha sentido quando sua representação pode ser feita por uma linguagem presente em um sistema de símbolos (WOODWARD, 2009). Essa autora dilucida que as relações sociais, as representações simbólicas e a cultura moldam a identidade porque conferem sentido às experiências. Todos esses aspectos envolvem algum nível de poder, inclusive o poder para definir os incluídos e os excluídos, trata-se de um elemento relacional que precisa de algo externo para a sua existência, uma outra identidade, diferente, pois é a diferença

que oferece as condições para uma identidade existir (WOODWARD, 2009).

Os significados dos discursos só são eficazes quando nos invocam enquanto sujeitos, quando assumimos aquilo como indivíduos e passamos a nos posicionar, assim, constituímos nossa identidade através das posições que assumimos (WOODWARD, 2009). Conforme essa autora, somos diferentemente posicionados de acordo com as expectativas e restrições dos diferentes significados e contextos sociais que fazemos parte, portanto, novas identidades e novas posições podem ser produzidas quando se alteram as circunstâncias econômicas e sociais.

O trabalho simbólico, discorre Bourdieu (1994/2008), é um ato cognitivo pois os agentes precisam conhecer e reconhecer, avaliar aquela ação a partir de categorias idênticas de percepção. Por isso, a necessidade de se colocar em forma e exibir formas é uma exigência do grupo (BOURDIEU, 1994/2008). Para esse autor, a dominação é viabilizada porque os dominados internalizam em todo o seu ser as mesmas estruturas de percepção dos dominantes e as reproduzem. Assim, o ato simbólico apoia-se na crença, na conformidade à representação mental que o grupo faz de si mesmo (BOURDIEU, 1994/2008).

Esses mecanismos contribuem para a divisão do mundo entre “nós” e “eles”, um processo central para a estrutura social porque é através dele que o mundo se organiza em classes e grupos a partir de identidades e diferenças (SILVA, 2009). Esse autor explica que a classificação de oposição binária, polarizada, em que um polo é mais privilegiado que o outro é uma das mais importantes. Ao eleger, arbitrariamente, uma identidade específica como parâmetro para hierarquizar as demais, atribui-se a essa identidade “padrão” o máximo de características positivas, restando às outras uma condição de preterimento (SILVA, 2009).

Cria-se então o “outro” cultural que representa um problema porque ameaça a identidade padrão (SILVA, 2009). Eventualmente, conforme esse autor, pode surgir uma interação forçada com o outro, mas geralmente ele é ignorado e reprimido. Inevitavelmente esse outro retorna, explodindo em confrontos e hostilidades, pois, quando volta, o reprimido vem reforçado e multiplicado (SILVA, 2009). Conforme esse autor, outro cultural pode ser definido em muitas dimensões, como gênero, raça, sexualidade, o outro é um corpo marcado pela diferença. O outro é sempre forçado a se representar,

tanto no espaço quanto no tempo, de maneira distante o suficiente para não oferecer nenhum risco de confronto (SILVA, 2009).

Quando o outro tem acesso a níveis hierárquicos mais altos, ele costuma ser tolerado sem que se questionem as relações de poder e os processos de diferenciação (SILVA, 2009). Normalmente são produzidas novas dicotomias, como a do dominante tolerante e dominado tolerado, ou ainda, os dominantes assumem identidades que se relacionam a um sentimento paternalista e superior, hegemônicas, mas benevolentes, que “respeitam” a identidade subalterna (SILVA, 2009). Isso acontece porque buscamos sempre recapturar a fantasia do prazer da plenitude, portanto, ainda que os membros de uma comunidade possam ser muito diferentes em termos de raça, classe e gênero, a cultura nacional busca unificar essas características em uma grande família nacional (HALL, 1992/2006).

Embora isso não seja verdade e o sujeito tenha uma essência interior, que é o eu real, há um diálogo desse componente interno com os mundos exteriores e as identidades presentes neles (HALL, 1992/2006). Nessa concepção sociológica, a identidade preenche o espaço entre o pessoal e o público, entre o mundo interior e o mundo exterior, ela alinha o sujeito à estrutura, estabilizando os sujeitos com os mundos culturais que eles habitam (HALL, 1992/2006). As identidades são o resultado do encaixe, da conformação do sujeito ao fluxo de um discurso, são posições que o sujeito é obrigado a assumir (HALL, 2009). O impacto dessa estrutura no sujeito pode ser analisado por uma autoetnografia.

Escolhas metodológicas

As autoetnografias descrevem a experiência pessoal, introduzindo maneiras únicas de pensar e sentir, o que ajuda as pessoas a entenderem a si mesmas e sensibiliza o leitor a exercitar empatia para compreender as intenções do autor (ADAMS et al., 2011). Nesse método a investigação considera também as motivações e emoções humanas, abordando o fenômeno estudado de múltiplas formas, como escrita performativa, imagens, poemas e roteiros (SPRY, 2001). A construção desses textos precisa ser evocativa, persuasiva, envolvente, pois o pesquisador e o texto têm de motivar o leitor a refletir sobre sua própria identidade pessoal e política, compondo um cenário que não pode ser reproduzido

em laboratório, porque as vivências ocorrem no seu próprio tempo (SPRY, 2001).

Utilizar poesias para compor e analisar os dados traz como benefícios a capacidade de entender os fenômenos sob uma perspectiva diferente e incomum, a partir da descrição concisa de experiências de vida profundas e essenciais (SJOLLEMA & BILOTTA, 2017). Isso vale tanto para acessar a subjetividade dos outros como a do próprio pesquisador em uma poesia autoetnográfica. Essa abordagem permite que o autor expresse sentimentos difíceis em suas próprias palavras, assim ele pode contar uma história e ilustrar como é sentir aquilo (FURMAN et al., 2012; MCCULLISS, 2013). Sob o disfarce velado da metáfora, típica do texto poético, o pesquisador deixa que os outros acessem sua subjetividade sem um ataque direto às suas emoções (FURMAN et al., 2012).

Observar e destacar as estratégias de enfrentamento que utilizei nas situações que geraram a emoção relatada me ajudou a reconhecer o descrito por Furman et al. (2012): a importância da experiência subjetiva para promover um compromisso de mudança pessoal sistêmica e duradoura. Isso porque, segundo esses autores, quando as pessoas passam por situações desafiadoras em suas vidas tendem a querer se desligar de seus sentimentos, porque acreditam que assim será mais fácil examiná-los sob uma perspectiva objetiva.

Entretanto, ao usar a mentalidade do poeta e olhar para esses sentimentos como uma metáfora, a análise é enriquecida (FURMAN et al., 2012). Fiz isso e enfrentei minha subjetividade estudando um fenômeno complexo em seu contexto natural. Explorei a formação da minha identidade como pesquisadora no momento inicial da formação (mestrado), investigando também as relações dinâmicas entre as minhas características pessoais, responsáveis pelo meu pertencimento a determinados grupos sociais (mulher, preta, pobre) e o espaço em que estou inserida (ambiente de negócios).

Para organizar e analisar os dados me inspirei no modelo de nigrescência desenvolvido por Cross (1971, 1991). Esse modelo estrutura o processo de tornar-se negro, por meio do desenvolvimento de uma identidade racial. Os modelos de identidade racial descrevem o processo pelo qual os grupos superam o racismo internalizado para se autoafirmar como um grupo racial coletivo, desenvolvendo uma identidade realista em uma sociedade que recompensa ou pune diferentemente

os membros de grupos raciais, de acordo com as suas classificações socialmente atribuídas (HELMS, 1994).

Ressalto que apenas me inspirei no modelo para facilitar a apresentação dos dados, por isso, não utilizei os pressupostos do trabalho original. O que fiz foi adotar uma estrutura em cinco estágios, similar ao que foi proposto em trabalhos anteriores (CROSS, 1971, 1991; HELMS, 1994):

- Estágio 1 - Pré-Encontro: neutralidade, autodefinição externa, não vê importância na raça;
- Estágio 2 – Encontro: evento que muda a forma como a pessoa enxerga a própria raça;
- Estágio 3 – Imersão-Emersão: vórtice da mudança de identidade (HARBERRY, 2019);
- Estágio 4 – Internalização: fase de transição, em que são trabalhados os desafios da nova identidade;
- Estágio 5 – Compromisso: internalização da nova identidade racializada.

Construindo uma identidade acadêmica racializada

Pesquisar o trabalho de identidade envolve decifrar o enigma: “ Quem sou eu? ”. Por isso, acredito que nesse início de análise cabe uma apresentação sobre as minhas raízes, isto é, minha origem familiar e posição na estrutura social. Nasci e cresci em uma região operária conurbada com a capital de São Paulo. Eu e meus irmãos estudamos em uma escola particular custeada pelas indústrias locais, por conta disso, minha família não precisou desmembrar o orçamento familiar para financiar nossa educação.

Tenho uma irmã quatro anos mais velha que eu, negra, e um irmão dois anos mais velho, branco. Nossa família é miscigenada, pois somos frutos de um casamento inter-racial, minha mãe é branca e o meu pai é negro, ambos representantes dos tons mais extremos das suas paletas de cor. Me lembro que na infância eu desenhava minha mãe e meu irmão com lápis de cor rosa claro, meu pai era marrom escuro, eu e minha irmã beges. Era tão legal que fiquei triste quando aprendi o significado da expressão “lápis cor de pele”.

Nossos pais cresceram na periferia da cidade de São Paulo, próximos a uma favela. Meu pai era funcionário público, mas tinha curso técnico de tapeçaria e a minha mãe de corte e costura. Segundo Jodhka et al. (2017),

os batalhadores têm suas raízes na classe mais baixa, porém, conseguiram ascender socialmente porque foram beneficiados por circunstâncias que alteraram minimamente seu estilo de vida, como inclusão em programas sociais ou oportunidades de emprego nas zonas cinzentas da economia.

O acesso ao capital cultural valorizado distribuído pelas instituições de ensino é o que efetivamente muda a vida das pessoas (JODHKA et al., 2017). Muitos saíram das classes excluídas porque tiveram a chance de frequentar escolas técnicas e universidades de qualidade, além de se beneficiarem de políticas virtuosas de inclusão social que asseguraram empregos formais, ainda que precários (JODHKA et al., 2017). Dessa forma, em busca de melhores condições de emprego, ingressei no curso de administração em 2009.

Esse primeiro curso representou meu contato inicial com a faculdade, após concluí-lo mudei de instituição e cursei graduação em ciências contábeis, permaneci interagindo com instituições universitárias por uma década, até ingressar no mestrado em 2019. Em todo esse período eu vivenciei intensamente o ambiente de negócios, nos cursos, nas iniciações científicas que desenvolvi, nos colegiados em que fui membra e nas empresas em que trabalhei.

A experiência com essas situações construiu memórias responsáveis pela formação de uma parte significativa da minha identidade acadêmica racializada. Experiências e memórias que agora são evocadas para a análise, buscando responder duas questões principais:

1. Como os fatores sociais, isto é, raça e classe influenciaram o desenvolvimento da minha identidade racial?
2. Como desenvolvi minha identidade acadêmica racializada no ambiente de negócios?

Como os fatores sociais, isto é, raça e classe influenciaram o desenvolvimento da minha identidade racial?

Em primeiro lugar, posso responder que o ambiente universitário me permitiu confrontar a interseção entre raça e classe de maneira mais intensa, pois foi a primeira vez em que acessei espaços acadêmicos e interagi com pessoas de classes superiores à minha. Os primeiros contatos nesse ambiente conduziram a

Nesse sentido, o primeiro passo da minha formação de identidade, *Me descobrindo como /a/ gente*, corresponde ao primeiro estágio do modelo de nigrescência de Cross: Pré-Encontro. Eu vivia em um estado de neutralidade racial simbólica e não percebia que tinha sido criada em uma cultura branca.

Eu *pensei* que era branca, até entrar na universidade. Foi o contato com a universidade que me permitiu reconhecer o meu lugar social enquanto mulher negra e pobre. Não só pelo conhecimento teórico adquirido, mas também pelas interações racistas que esse ambiente provoca. Precisei de muita leitura e trabalho terapêutico para assimilar que a ausência de corpos negros não era um problema individual, conforme explica Souza (2012), que eu não era culpada por sentir falta de representatividade ou de diversidade nas empresas e na academia. Inicialmente eu não sabia que era o racismo a razão da minha angústia, eu estava muito ocupada tentando ser aceita, desconhecendo completamente minha identidade racial e assimilando a cultura dominante. Na Peça *Autoetnográfica 1 – Estereotipada*, eu abordo essa questão.

Peça Autoetnográfica 1 – ESTEREOTIPADA



Fonte: Elaboração própria com base em Alves, 2021

O segundo passo, *Me descobrindo negra*, corresponde ao estágio dois do modelo de nigrescência: Encontro, ponto em que a pessoa se sente compelida a mudar (HASBERRY, 2019). As vivências racistas que

experimentei (descritas na peça *autoetnográfica 2 - O ponto*) representam meu *Encontro*, evento que mudou minha forma de enxergar minha raça e me conduziu para a etapa de *Personalização*, ponto que impacta a visão de mundo e muda o pensamento (RITCHEY, 2014; VANDIVER et al., 2002). Com esse evento significativo para mim, eu abandonei minha visão de neutralidade racial e dei início ao processo de tornar-me negra.

De acordo com Almeida (2019), a racialização dos indivíduos ocorre por fatores estruturais e institucionais, dessa forma, o privilégio de ser considerado branco não depende de um reconhecimento individual do sujeito. Como a nossa prática social é mediada pela ideologia, “uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus afetos” (ALMEIDA, 2019, p. 53).

Isso acontece porque a linguagem do corpo é mais imediata que a linguagem do discurso, informando a posição ocupada na hierarquia social (SOUZA, 2012). Dessa forma, imagino que as pessoas presentes na academia não tenham, necessariamente, a intenção de estranhar a presença de corpos negros nesse espaço, mas infelizmente isso acontece. Ou seja, os atores do espaço acadêmico praticam racismo de maneira inconsciente, mas naturalizada pela estrutura social e pelas instituições. Somente através das explicações teóricas, acessadas por meio desta pesquisa, é que pude entender a razão para os “ataques” dos meus colegas.

Peça Autoetnográfica 2 - O PONTO

*Naquele ponto da História
Construí minhas memórias.
Ali eu fui assaltada,
perseguida e humilhada.*

*Ali eu chorei vendo meu ônibus ir embora,
mas uma vez eu tinha perdido a hora,
terminando de fazer uma prova.*

*O horário entre as aulas e o transporte
era simplesmente incompatível,
meia hora era o nível que definia a minha sorte.*

*Todos tinham carro ou carona
mas eu era a “pobretona”
que morava do outro lado da cidade.
Seis quilômetros era a distância,
que separavam a nossa desigualdade.
Quando a aula terminava às 23h, eu não tinha
outra alternativa, o ônibus não me esperava.
Seis quilômetros sozinha eu percorria
À noite, quase madrugada.*

*Com determinados professores
era sempre a mesma confusão:
- Por que está saindo moça?
Ainda não terminou sua obrigação!
- Professor, meu ônibus está de partida, se
eu perdê-lo, o senhor me oferece guarida?
- Evidente que não, sua folgada!
Saiba que a sua saída será cobrada!
E, no fim do semestre, eu era reprovada.*

*Cohab 1 era o destino
que a minha condução marcava.
De vez em quando reunidos, O
s alunos faziam carreta: - Cohab 1!
Eles gritavam.
Rodando o meu ponto.
- Vá para a Cohab!
Eles urravam feito tontos.*

*Quando, no ponto, eu sofri um assalto,
temi a minha morte.
Lembrei de um professor da faculdade dizendo,
que eu não seria assaltada, por ter “cara de pobre”.*

*Aquele, era o meu ponto de inflexão.
Muita luta de classe ele escondia,
quando no ônibus eu subia,
percorria o trajeto com reflexão.
mas....
quando no ponto de casa eu descia,
e encontrava minha avó me esperando
com alegria era a minha redenção.*

Não foi difícil desenvolver o comportamento subalterno e submisso, “apagado”, como uma “cirurgia de voz” acadêmica (CRUZ, 2018, p. 363/364). Inicialmente, tentei questionar alguns padrões acadêmicos, por uma curiosidade ingênua. Até chegar

na universidade, eu nunca tinha questionado a questão racial. Como em Hooks (2015), minhas dúvidas foram recebidas com raiva e hostilidade tão intensas, que tive dificuldade em continuar frequentando as aulas.

Em dada ocasião, humilhada por questionar os padrões sociais fiquei quinze dias em casa, sem coragem para frequentar nenhuma aula. O que mais me chocou não foi a falta de apoio dos colegas, mas as brincadeiras que vieram depois disso. Comecei a pensar que não valia a pena questionar a estrutura social, porque eu estava sozinha nessa “briga”. Passei a refletir sobre a maneira “correta” de me comportar nesses espaços e fez sentido me conter para viver.

Peça Autoetnográfica 3 – CONTIDA



Fonte: Elaboração própria com base em Alves, 2021.

O terceiro passo, *Me descobrindo um corpo (feminino e racializado)*, corresponde ao estágio de Imersão-Emersão, em que os estereótipos negativos associados aos negros são descomprimidos e novas lentes sobre o que significa ser negro são acionadas (RITCHEY, 2014). Ao silenciar minhas dúvidas e as minhas características, obviamente eu me deprimi. O impacto emocional das interações racistas deve

ser observado porque a discriminação racial consome energia, vida e provoca constrangimento, frustração, amargura e raiva (HASBERRY, 2019).

Por cerca de oito anos eu tolerei comentários sobre as características da minha classe social, minha cor, meu gênero, meus cabelos e minha identidade racial. Eu não tinha muita consciência racial, nem sabia que esses comentários e comportamentos aparentemente ingênuos eram microagressões raciais. Contudo, eu sentia que isso me fazia mal, percebia o tratamento estranho e via que ninguém falava nada sobre as características de pessoas brancas. Quem é minoria sempre percebe, mas não sabe o que significa ou não revela o verdadeiro self por razões de autoproteção (COLLINS, 1986/2016). Nesse terceiro passo, Me descobrindo um corpo (feminino e racializado), minha intenção foi retratar o início da minha tomada de consciência. As peças autoetnográficas presentes nessa seção descrevem as “dicas” que assimilei para compreender minha posição na hierarquia de valorização simbólica e como isso afetou as minhas interações com o espaço acadêmico e com a área de negócios.

Peça Autoetnográfica 4 – NEGÓCIOS? A PARTE!

*Sigo o padrão
Sem usar terno
Me olho no espelho
Mas não me enxergo*

*Aquilo que vejo
É incompatível
Com a realidade presente
Na estrutura invisível
As cores, os corpos, os seios
Mulheres que eu não vejo
Nos locais em que procuro emprego*

*Curiosa, eu procuro nas letras
Os sons das vozes de pessoas pretas
Nem mesmo um sussurro eu escuto
O que percebo é um absurdo*

*Onde estamos nos números apresentados?
São estatísticas que nos ofendem
Tortura e vapor barato
Se escondem no management.*

Somado a esse fato, o componente racial também oferece uma base de dominação que está sempre presente nas organizações, ainda que silenciada (NKOMO, 2019). Sendo assim, o discurso racial foi construído para reforçar estereótipos negativos atribuídos para a identidade negra (SILVA, 2009; HALL, 1992/2006). Devido à ação do racismo simbólico, os grupos de excluídos sempre terão sua humanidade ignorada (JODHKA et al., 2017). Ou seja, no meu lugar social interseccional de mulher, preta e pobre, inconscientemente, eu sempre serei lida como “coisa” e não como ser humano, sujeito consciente ou acadêmica.

Somado a esse fato, o componente racial também oferece uma base de dominação que está sempre presente nas organizações, ainda que silenciada (NKOMO, 2019). Sendo assim, o discurso racial foi construído para reforçar estereótipos negativos atribuídos para a identidade negra (SILVA, 2009; HALL, 1992/2006). Devido à ação do racismo simbólico, os grupos de excluídos sempre terão sua humanidade ignorada (JODHKA et al., 2017). Ou seja, no meu lugar social interseccional de mulher, preta e pobre, inconscientemente, eu sempre serei lida como “coisa” e não como ser humano, sujeito consciente ou acadêmica.

Por esse motivo e também por questões econômicas estruturais, somos subrepresentadas nos dados, no conhecimento acadêmico e nas interações cotidianas. Inicialmente eu não entendia a escassez de estudos ou imagens acadêmicas racializadas, mas depois compreendi que a ‘ausência’ é porque somos *outsider within* (COLLINS, 1986/2016). Por exemplo, se fizermos uma busca por imagens gerenciais, encontraremos pessoas de ambos os sexos vestidas com ternos ou roupas sociais, mas não é comum que uma delas esteja de turbante. Estranhar essa imagem é um exemplo de reprodução simbólica e também microagressão racial.

Como desenvolvi minha identidade acadêmica racializada no ambiente de negócios?

As pressões do ambiente de negócios representadas nos passos quatro e cinco, *Me descobrindo acadêmica* e *Me descobrindo no silêncio* fizeram eu me localizar no estágio quatro do modelo de nigrescência de Cross: Internalização. Nessa fase de transição são trabalhados os desafios e problemas da nova identidade, desenvolve-se o pensamento crítico sobre o que significa ser negro e como isso molda a vida das pessoas (RITCHEY, 2014). Pesquisar a temática racial envolve descobrir, reinterpretar e analisar as ideias de grupos que têm

sido continuamente silenciados. As vozes de pessoas negras são corpos especializados de conhecimento que foram excluídos da literatura (RODRIGUEZ, 2006). Foi por conta dessa ausência e da angústia em me sentir invisibilizada nos espaços acadêmicos que empreendi esta pesquisa, mas não foi fácil dar mais esse passo na direção de tornar-me pesquisadora.

Quando conduzo uma pesquisa sobre silenciamento racial na área de negócios não pontuo uma questão apenas identitária, eu reverencio os nossos antepassados (*Peça Autoetnográfica 5 – Ante.passados*).

Peça Autoetnográfica 5 – ANTE.PASSADOS

*Vivemos em um mundo de pessoas invisíveis
Um espaço escolar que ignora acadêmicos incríveis
Apenas porque a percepção é maior que o pensar
Esse mundo teve líderes como Nelson Mandela
Revolucionários como Carlos Marighella
Historiadoras e filósofas como Lélia
Notáveis, porém, subrepresentados
Citados como memórias do passado
A eles faço minha reverência
Nas leituras dos seus pensamentos
vejo minha essência
Reconheço as lutas e também a
resistência Referencio suas palavras
e presto minhas condolências
A todas as vidas negras e acadêmicas
Que tanto lutaram e com a vida pagaram
O preço de exigir respeito e alguma decência
A vidas humanas domadas por ausências.*

Ocupar a posição de uma pessoa não-branca na academia de negócios é conviver com ataques à sua identidade racial que impactam na saúde física e psicológica. Como explicado por Dar et al. (2020), nossos corpos, nossa bolsa de estudos e nosso ativismo não são separáveis, mas são forçados a se separar na academia capitalista patriarcal branca. Ainda segundo esses autores, o dano em nossos corpos é sentido na ansiedade nauseante provocada pela intenção de resistir às estruturas brancas, mesmo sabendo do potencial para retaliação.

Geralmente não nos damos conta dessa prática porque a cultura cria uma imagem simbólica de que o outro é tolerado, assim se constituem identidades hegemônicas que parecem ser benevolentes e

paternalistas, em que se dissimula um respeito a identidade subalterna (SILVA, 2009). Em verdade, esse “teatro” serve apenas para adestrar e apartar o outro, a fim de que ele não ofereça nenhum risco de confronto (SILVA, 2009; JODHKA et al., 2017; ALMEIDA, 2019).

Essa identidade que parece ser benevolente em relação ao outro racial, mas que na realidade quer mantê-lo longe, eu presenciei em alguns momentos na área de negócios. Tentei sintetizar essas ocorrências em metáforas apresentadas na *Peça Autoetnográfica 6 - Imagem e semelhança*.

Peça Autoetnográfica 6 - IMAGEM E SEMELHANÇA

*O que é isso?
Que estranho.
É gente essa porcaria?
Acho que não.
Se for, não é igual a nós.
A cara é diferente,
o jeito é diferente,
o cheiro, aí que horrível!
Como é inadequado.
Não sei... despreparado...
Alguma coisa não se encaixa
Mas sabe, não é a raça.
EU NÃO TENHO PRECONCEITO
Que bonito seu cabelo,
vem cá, posso pegar?
Já pensou em alisar?
Ser preto tá na moda,
é uma nova tendência,
Por isso (branca) usei a cota
Porque tenho ASCENDÊNCIA.
Se é branco, se é negro,
EU que vou classificar.
Me recuso a perguntar,
deve ser bem ofensivo,
afinal, ser negro é um castigo.
De NÓS são diferentes,
mas, ENTRE ELES, todos iguais:
animados, engraçados,
dançarinos, encorpados.
Quando vejo um educado,
penso que tem alma branca.
Não me julgue, é assim que penso,*

sobre a herança africana.
 Do MEU PASSADO “europeu”
 guardo viva a lembrança,
 desse modo não me envolvo,
 com essa gente que dá ânsia.
 Espera um pouco, acho que lembro
 de ouvir algum lamento...
 Esse daí não é AQUELE POVO “chateado”,
 porque descendem de ESCRAVIZADOS?
 BOOOM BUM PAAAAH
 Ué, o que aconteceu?
 Não sei, parece que morreu.
 Não acredito! De novo!
 Pedi tanto para o Estado esperar um pouco
 Mais uma vez “esquecemos” do tempo
 e não ouvimos nosso negro experimento.

Enquanto pesquisadora negra, assumi o dever de usar minha posição acadêmica para localizar esse silenciamento e agir sobre ele. É responsabilidade das mulheres negras interrogar seus silêncios e reconceituar as formas de saber, escrever é uma coisa poderosa a se fazer, é uma luta da memória contra o esquecimento (RODRIGUEZ, 2006). Contudo, por ainda sentir na pele os efeitos da estrutura escravocrata, preciso me preservar e tomar cuidado com a retaliação ao me posicionar sobre o silenciamento racial na área de negócios. Preciso planejar quando falar e quando ficar em silêncio, usar a voz estrategicamente pode servir como um meio poderoso de sobrevivência e libertação. Rodriguez (2006) confessa que escreve para apagar a invisibilidade, para enfrentar o que possa ter reprimido, para entender melhor a si mesma e agir sobre o que ela se esforça muito para reprimir.

Peça Autoetnográfica 7 – ACRÓSTICO DO SILÊNCIO

S ofrimento
 I nvisibilidade
 humi L hação
 v E rgonha
 apagame N to
 violên C ia
 I njustiça
 d O r

Ao explorar o desenvolvimento da minha identidade acadêmica eu pude superar essas ausências e contribuo para amenizar o silenciamento racial nas pesquisas em negócios. Apresentando a visão de uma mulher negra nesse ambiente, cheguei ao último estágio: Internalização-Compromisso. Estou me movimentando na direção do compromisso com uma identidade acadêmica racializada saudável, isto é, sem ódio a outros grupos raciais. O que é necessário para que eu consiga dialogar e me expressar na academia de negócios, afinal, precisamos aprender a conviver harmoniosamente nesse espaço permeado por conflitos raciais.

Considerações finais

Nesta seção retomo o objetivo do trabalho: *explorar o desenvolvimento da minha identidade acadêmica, enquanto mulher e negra, inserida em um ambiente de negócios*, a fim de verificar se ele foi atingido. Levantando o debate sobre gênero, raça e classe na área de negócios, pude perceber o que foi descrito na literatura: a categoria combinada de “mulheres negras” costuma ser invisível (Bell, 1990; Collins, 1986/2016). Ao empreender esta pesquisa passei a me questionar sobre a ausência/presença dos negros nas pesquisas e espaços acadêmicos. Por que parecia que não tínhamos voz? Como isso impacta nossas memórias?

Ou seja, me reconheci como pesquisadora ao explorar o silenciamento racial perpetuado na área de negócios. Um processo que ocorre por meio de estruturas simbólicas responsáveis por restringir a fala de acadêmicas negras sobre as opressões sofridas cotidianamente. Na condução desta pesquisa algumas dessas estruturas se evidenciaram e pude abordá-las analiticamente. Com as vivências acadêmicas expostas nas peças autoetnográficas identifiquei o medo de retaliação ao abordar a temática racial, que contribui para o silêncio. Ele pode ser explicado pela ação do racismo simbólico (JODHKA et al., 2017) e da repressão ao outro cultural (SILVA, 2009), para manter a fantasia de unidade e mitigar o conflito (HALL, 1992/2006).

Também identifiquei que nós, acadêmicas negras, temos nossas habilidades intelectuais questionadas não só pela desconfiança impregnada em nossas características simbólicas desvalorizadas (JODHKA et al., 2017), mas também porque temos nossa subjetividade ignorada. Em essência, não somos consideradas humanas, ainda que isso não ocorra de maneira racional.

Por conta dessa atitude inconsciente sofremos microagressões, como a invalidação do nosso conhecimento, suposição de nossa função como subalterna, dificuldade para nos reconhecer em posições acadêmicas ou gerenciais e conforto para comentar sobre qualquer aspecto das nossas características, aparência, vida pessoal ou profissional.

Nesse sentido, uma das limitações da pesquisa foi justamente o reduzido número de autoetnografias feitas por acadêmicas negras na área de negócios, isso implicou em um desafio de provocar alteridade nos acadêmicos com características e vivências opostas às observadas para o grupo específico das mulheres negras. Conforme Carter e Peters (2016), as iniquidades em relação às mulheres negras passam dos negócios para os governos, e destes para a Academia. Segundo esses autores, as mulheres negras presentes nos espaços organizacionais relatam que a maior barreira para mobilidade ascendente é o racismo, não o sexismo. Portanto, outros trabalhos com essa temática podem ajudar a superar tabus acadêmicos e corporativos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Referências bibliográficas

ADAMS, Tony E.; ELLIS, Carolyn; BOCHNER, Arthur P. Autoethnography: an overview. *Historical social research/Historische sozialforschung*, p. 273-290, 2011.

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

ALVES, Ingrid Caroline Simielli de Araujo. Tornar-se pesquisadora: uma conquista simbólica e as suas interações com o contexto social. 2021. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2021.

BELL, Ella Louise. The bicultural life experience of career-oriented black women. *Journal of organizational Behavior*, v. 11, n. 6, p. 459-477, 1990.

BENNETT, Rebecca et al. Being chimaera: A monstrous identity for SoTL academics. *Higher Education Research & Development*, v. 35, n. 2, p. 217-228, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Papirus Editora, 1996. (Obra original publicada em 1994).

CARTER, Danon R.; PETERS, Tara. The underrepresentation of African American women in executive leadership: What's getting in the way. *Journal of Business Studies Quarterly*, v. 7, n. 4, p. 115-134, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within. *Sociedade e Estado*, v. 31, p. 99-127, 2016. (J. C. Galvão, Trad. – obra original publicada em 1986).

CROSS JR, William E. The negro-to-black conversion experience. *Black world*, v. 20, n. 9, p. 13-27, 1971.

CROSS JR, William E. Shades of black: Diversity in African-American identity. Temple University Press, 1991.

CRUZ, Joëlle M. Brown body of knowledge: A tale of erasure. *Cultural Studies ↔ Critical Methodologies*, v. 18, n. 5, p. 363-365, 2018.

CRUZ, Joelle et al. “Aliens” in the United States: A collaborative autoethnography of foreign-born faculty. *Journal of Management Inquiry*, v. 29, n. 3, p. 272-285, 2020.

CUNLIFFE, Ann L. Alterity: The passion, politics, and ethics of self and scholarship. *Management Learning*, v. 49, n. 1, p. 8-22, 2018.

DAR, Sadhvi et al. The business school is racist: Act up!. *Organization*, v. 28, n. 4, p. 695-706, 2021.

- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. (Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro - obra original publicada em 1992). Rio de Janeiro: DP&A. 2006
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. Boitempo Editorial, 2016. (Obra original publicada em 1981).
- FURMAN, Rich et al. Poetry matters: A case for poetry in social work practice. *Journal of Social Intervention: Theory and Practice*, v. 21, n. 1, p. 5-17, 2012.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In. Silva, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p.103-133. 2009
- HASBERRY, Abigail. Self-acceptance in Black and White. *Education Sciences*, v. 9, n. 2, p. 143, 2019.
- HELMS, Janet E. Racial identity and career assessment. *Journal of Career Assessment*, v. 2, n. 3, p. 199-209, 1994.
- HOOKS, Bell. Black women: shaping feminist theory. *Revista Brasileira de Ciência Política*, p. 193-210, 2015.
- JODHKA, Surinder S.; REHBEIN, Boike; SOUZA, Jessé. *Inequality in capitalist societies*. Routledge, 2017.
- KUMAR, Kari L. Understanding and expressing academic identity through systematic autoethnography. *Higher Education Research & Development*, v. 40, n. 5, p. 1011-1025, 2021.
- LEARMONTH, Mark; HUMPHREYS, Michael. Autoethnography and academic identity: Glimpsing business school doppelgängers. *Organization*, v. 19, n. 1, p. 99-117, 2012.
- MALSCH, Bertrand; TESSIER, Sophie. Journal ranking effects on junior academics: Identity fragmentation and politicization. *Critical Perspectives on Accounting*, v. 26, p. 84-98, 2015.
- MCCULLISS, Debbie. Poetic inquiry and multidisciplinary qualitative research. *Journal of Poetry Therapy*, v. 26, n. 2, p. 83-114, 2013.
- MERTKAN, Sefika; BAYRAKLI, Hatice. Re-inventing researcher identity: When the individual interacts with the contextual power dynamics. *Higher Education Research & Development*, v. 37, n. 2, p. 316-327, 2018.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Autêntica Editora, 2019.
- NKOMO, Stella M. The emperor has no clothes: Rewriting “race in organizations”. In: *Postmodern Management Theory*. Routledge, 2019. p. 463-489.
- ORTEGA, Magdalena Suárez. To be or not to be, that is the question: A journey through performance autoethnography. *Qualitative Inquiry*, v. 26, n. 10, p. 1283-1288, 2020.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista estudos históricos*, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.
- RITCHEY, Keyiona. Black identity development. *The Vermont Connection*, v. 35, n. 1, p. 12, 2014.
- RODRIGUEZ, Dalia. Un/masking identity: Healing our wounded souls. *Qualitative Inquiry*, v. 12, n. 6, p. 1067-1090, 2006.
- SADLER, Elmarie; WESSELS, Jacobus Stephanus. Transformation of the accounting profession: An autoethnographical reflection of identity and intersectionality. *Meditari Accountancy Research*, 2019.
- SILVA, Tomaz Tadeu et al. A produção social da identidade e da diferença. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2009.

SOUZA, José Gilberto; JULIAZ, Paula Cristiane Strina. Geografia: ensino e formação de professores. Editora Lutas Anticapital, 2020.

SOUZA, Jessé. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte, MG: Editora UFMG. 2012.

SJOLLEMA, Sandra D.; BILOTTA, Neil. The raw and the poignant: Using community poetry in research. *Journal of Poetry Therapy*, v. 30, n. 1, p. 17-32, 2017

SPRY, Tami. Performing autoethnography: An embodied methodological praxis. *Qualitative inquiry*, v. 7, n. 6, p. 706-732, 2001.

WOODWARD, Kathryn et al. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, v. 15, p. 7-72, 2009.